

MULHERES À MARGEM: UMA ABORDAGEM DE PERSONAGENS PERIFÉRICAS EM *VITÓRIA VALENTINA*, DE ELVIRA VIGNA

Herbert Sousa de Araujo (1); Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues (1)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – herbertsousadearaujo@gmail.com

Compreendendo a complexidade do ser mulher e a importância dos movimentos feministas, tal artigo resulta de uma pesquisa acadêmica que teve por objetivo investigar como uma autora brasileira contemporânea constrói sua personagem protagonista. É fato que ser mulher nos dias atuais não se restringe ao que fora delineado pelos discursos androcêntricos, mas está além, possibilitando que haja uma maior manifestação das identidades plurais. Nesse viés, nos propomos a olhar para a obra *Vitória Valentina*, da escritora carioca Elvira Vigna. Tal obra foi concebida em forma de novela gráfica, gênero que agora começa a emergir de modo mais nítido em nosso país. Exatamente por ser construída em linguagem dupla, verbal e não-verbal, nossas análises se deram em dois momentos: primeiramente analisando os discursos; secundamente as ilustrações. Nesse recorte, focaremos nos desenhos, evidenciando como Vigna compreende e capta a noção de feminino. Como principais referências para nossa investigação nos apoiamos principalmente em BUTLER (2010), ZINANI (2006) e RODRIGUES (2016). Verificamos que a escritora nos apresenta uma obra literária feminista, pois rompe com as imposições da sociedade machista, fazendo de sua protagonista uma mulher que se comporta e se mostra visualmente diferente daquilo que fora delimitado pelo androcentrismo.

Palavras-chave: Gênero, Feminismo, Identidades Plurais, Literatura de Mulheres.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre gênero vêm se desenvolvendo há algum tempo e propiciando um melhor entendimento a respeito das construções sociais delineadas para homens e mulheres. Sendo essa última uma perceptível minoria que teve seu desenvolvimento cerceado por vozes majoritariamente masculinas, mas que agora vem se modificando e provocando uma maior complexidade identitária, nos propomos a observar a concepção de feminino que está sendo abordada na literatura contemporânea. Para isso, tomamos como base a obra *Vitória Valentina*, publicada no ano de 2013 pela Lamparina Editora e escrita pela carioca Elvira Vigna.

Este artigo resulta de uma pesquisa acadêmica que teve por objetivo geral analisar a construção de uma personagem mulher em uma obra contemporânea, a partir de aspectos sociais e culturais que são inerentes a qualquer ser humano, sendo impossível realizar essa pesquisa sem ressaltar o panorama ideológico e cultural em que essa protagonista foi desenvolvida. Para alcançarmos esse objetivo foram elencados dois específicos: o primeiro analisando os discursos, as atitudes da personagem, e os contextos que a constituem; o segundo objetivo investigando as ilustrações e o que elas revelavam sobre a personagem. As ilustrações fazem parte do nosso estudo, pois

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

a obra em questão se trata de uma novela gráfica. Para este artigo o nosso recorte se delimitará ao estudo das ilustrações, ou seja, ao segundo objetivo específico.

A base teórica para a realização de nossa análise está fundamentada nos estudos de BUTLER (2010), ZINANI (2006), RODRIGUES (2016), RICHARD (2002) e SARDENBERG E COSTA (1994), por meio dessa revisão de literatura evidenciamos a questão de gênero e a literatura feminista.

1. O GÊNERO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL

Segundo Butler (2010), as estruturas identitárias do que se entende como pertencente do universo feminino e da mulher são puras construções da relação cultural. Para ela, as identidades pessoais se concretizam porque já foram construídas nas relações diárias; ao se identificar com tal gênero, a mulher só está reafirmando o que já foi colocado socialmente para ela. Há um arquétipo sobre o que se espera de uma mulher e ao se reconhecer em tal gênero, ela apenas cumpre o que fora determinado pelos aspectos históricos, biológicos e de classe; com isso, entra em jogo a relação de poder. Ao longo de muitos anos, foram os homens que esculpiram o modelo de mulher que seria “adequada”, impedindo-a de ser protagonista de sua própria história e retirando o direito de se estabelecerem como autônomas na vida social.

Desse modo, não se pode pensar a história das mulheres sem levar em consideração tais questões de gênero, sem elucidar que as noções de feminilidade foram colocadas impositivamente como uma forma de controle dos corpos, que restringiram os espaços e exigiram forçadamente que houvesse uma identificação partindo exclusivamente das diferenças biológicas, efetivando a posição da mulher como um ser inferior, que teve seu percurso moldado por outras vozes, criando assim, um imaginário de que o sexo era o único fator determinante para a construção da formação do sujeito. Partindo desse viés, questionando e propiciando reflexões em torno desses antigos pensamentos, os estudos de gênero emergiram e trouxeram um novo modo de olhar as construções sociais, viabilizando uma ruptura com essa base essencialista.

Segundo Zinani (2006), os estudos sobre gênero e mulher permitiram significativos avanços na manutenção das regras sociais, pois se compreende que a mulher não é um ser abstrato, mas constituído de diversas marcas históricas. Houve uma necessidade em se fazer uma ponte entre o passado e o presente, no

intuito de buscar novos caminhos que permitissem uma maior fluidez identitária. Nessa mesma direção, Rodrigues nos aponta que tais contribuições alteraram as normas sociais e, conseqüentemente, os gêneros:

O gênero também é mutável, e sua fixação em um dos padrões existentes acontece por ele ser construído por atos de repetição das normas sociais, mas as normas mudam, se atualizam e se resignificam, como qualquer linguagem. (RODRIGUES, 2016, p. 19)

Portanto, entendendo que a identidade da mulher fora montada e desenhada por discursos andocêntricos, os movimentos feministas contribuíram notoriamente para a atualização e a resignificação das normas sociais, possibilitando que o gênero não tivesse o teor engessado, mas que de fato fosse mutável e se relacionasse com as novas demandas sociais. É nítido e perceptível que ser mulher na contemporaneidade não carrega os mesmos traços de tempos atrás; isso se dá ao fato das normas e determinismos terem se modificado e permitido tais alterações, propiciando uma maior manifestação das identidades plurais.

Desse modo, mesmo com os avanços já citados, os estudos sobre as mulheres ainda necessitam de mais vozes, exatamente pelo fato de haver pensamentos que combatem a diversidade das estruturas identitárias e a liberdade de se identificar do modo como se é. Com isso, a literatura, especificamente feminista, representa uma ferramenta no combate aos discursos androcêntricos e a qualquer tentativa de enquadrar as mulheres em protótipos fabricados pela força da repressão.

2. A LITERATURA FEMINISTA NA CONTEMPORANEIDADE

Em meio aos avanços que permitiram uma maior descentralização do sujeito, rompendo significativamente as ideias de que havia espaços pré-determinados de acordo com o sexo e os protótipos de gênero, as mulheres conseguiram notório espaço para poderem se expressar, conquistando o direito à voz nas mais diversas camadas que representam a sociedade. Sendo a literatura uma ferramenta que propicia a inserção dessas vozes, as mulheres conseguiram emergir e falar o que necessitam, de modo que estando integradas com as novas realidades se sentem mais livres para constituírem seus discursos e continuarem a romper com os paradigmas antes estabelecidos.

Richard (2002) vai afirmar que a arte, e conseqüentemente a literatura, tem a capacidade de romper com os padrões e direcionar o foco para as comunidades minoritárias e marginalizadas; isso contribui significativamente para que não haja uma prática que dogmatize o feminino. Sendo assim, as

questões de gênero ganham um espaço aberto para a problematização e trazem à tona os novos discursos que transformam o sistema de relações sociais. A literatura não pode ser privada de liberdade, como uma manifestação artística ela possui um caráter fundamentalmente transgressor e subversivo, desconstruindo os determinismos e quaisquer convenções sociais. Nesse sentido, Richard vai afirmar que a crítica feminista busca promover o que chamou de nomadismo da identidade, criando uma diversidade de identificação essencialmente transitiva e contingente, precisando se deslocar entre os vários campos como o acadêmico, o teórico, o político, sem temer as irregularidades que se produzem nos corpos.

Para Zinani (2006), a crítica feminista olha para a literatura contemporânea discutindo a formação do sujeito e a subjetividade feminina, partindo da cultura e das novas formas de representação que buscam desconstruir as teorias androcêntricas. Portanto, podemos dizer que a escrita de mulheres é compreendida como uma possibilidade real de se desvincular do passado opressor, exatamente porque nessa nova realidade as escritoras possuem uma maior liberdade para construir sua arte.

Ainda é válido ressaltar que nem todas as mulheres puderam adquirir consciência de que são uma minoria e de que foram oprimidas historicamente, conseqüentemente não buscam refletir sobre o tema e nem acreditam que haja uma necessidade de transformação dos paradigmas, o que muitas vezes faz tais mulheres se voltarem contra os movimentos feministas e os debates de gênero que já começaram a emergir. Nesse sentido, Sardenberg e Costa (1994) afirmam que o feminismo é também um processo significativo para a reeducação dessas mulheres, propondo que haja uma ruptura com os traços de submissão e passividade, para que enfim possam descobrir as suas próprias qualidades e potencialidades. E aqui queremos acrescentar que a literatura, especificamente a constituída pela escrita de mulheres, se configura como uma ferramenta de reeducação, pois abarca as identidades plurais e permite que as mulheres se descubram como seres fragmentados que estão em constante processo de formação, tendo as estruturas identitárias e a subjetividade formadas a partir da convivência social e dos discursos que se alteram. Nessa vertente, nos colocamos a estudar a obra *Vitória Valentina*, de Elvira Vigna. No tópico a seguir, explanaremos as ilustrações, como já foi mencionado anteriormente.

3. VITÓRIA VALENTINA

Lançado em 2013 pela Lamparina Editora, *Vitória Valentina* começa com uma marcante tragédia na favela: um casal comete

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

o crime de latrocínio, vitimando um outro casal, porém, na tentativa de fuga, os planos não saem como esperado e eles também acabam morrendo em um acidente de moto. Os filhos dos casais, Nando e a própria Vitória Valentina – que nomeia o livro, são amigos e os laços entre eles ganham forças após a fatalidade ocorrida. Sozinhos e órfãos, ambos vão para o orfanato e crescem juntos. Nando, negro e gay, vai trabalhar como motoboy e tal profissão o ajuda a superar seu trauma de infância em relação a motos; para complementar a renda ele se aventura em vender fotos e notícias que encontra durante seu percurso de entregas. Vitória se torna professora e também trabalha como babá. Mesmo adultos e com suas devidas carreiras e profissões, os dois não se afastam e se torna perceptível a ligação e sintonia que possuem, o reconhecimento de que eles só têm um ao outro os unem em uma espécie de comunhão. Construída em forma de novela gráfica, a obra foi concebida integralmente pela autora carioca Elvira Vigna.

3.1. A personagem Vitória Valentina por meio das ilustrações

Já vimos que as mulheres historicamente carregaram e ainda carregam cobranças que partem majoritariamente dos homens e das convenções que eles acreditam ser ideais para o universo feminino. Entre tantas exigências, a aparência física ocupa o seu lugar e também tenta enquadrar as mulheres em determinados aspectos estéticos que são vistos como apropriados. Sendo assim, olhemos para os desenhos de Vigna objetivando perceber como ela caracteriza sua personagem, se ratifica ou não os padrões de beleza e se entra em consonância com o viés feminista. Nesse sentido, verifiquemos a figura que segue:

Fig. 1 A composição visual de Vitória



Fonte: Vigna (2016)

Como estamos tratando de uma análise estrita dos desenhos e suas nuances, nos colocamos a observar minuciosamente os seus detalhes. Em primeiro momento analisemos o cabelo de nossa protagonista, é perceptível que não se enquadra no que a sociedade julga como “um cabelo bom”, pois tem uma aparência bagunçada, apresenta sinais de desgaste e não é liso. De acordo com as imposições androcêntricas, os cabelos fazem parte da composição feminina, e por isso as mulheres devem sempre ter cuidados especiais com os mesmos, não podendo transparecer certos descuidos. Poderíamos até dizer que no contexto machista os cabelos determinam o nível de feminilidade que as mulheres possuem. Sendo assim, Vitória já começa a romper com as imposições e se apresenta nas condições que lhe são possíveis sem se sentir mal com elas. Saindo dos cabelos para as roupas, podemos verificar que acontece o mesmo movimento, no qual a composição de figurino da nossa personagem denota uma nova fuga dos padrões. Sabemos que as mulheres se sentem cobradas em aparecer sempre bem vestidas e elegantes, com roupas que acentuem a essência feminina. Entretanto, Vitória aparece de modo essencialmente casual, com uma combinação que se baseia em uma blusa surrupiada, uma calça folgada e sapatos, o que nos faz remeter inconscientemente a um look pensado nos moldes masculinos.

Portanto, Vitória nos aparece fugindo dos padrões com o seu visual despojado e nos coloca a refletir um outro aspecto que a envolve, o econômico. Todas as exigências em cuidar de cabelo, pele e roupas geram despesas elevadas para as mulheres e a maioria não possui renda para abarcar essas demandas. A protagonista de nossa obra, assim como milhões de mulheres espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, não teve uma vida regada de privilégios que a permitisse focar sua atenção na aparência, mas teve de enfrentar diversos desafios que lhe apareceram desde a infância. No caso de Valentina, sua independência ocorreu de forma prematura; órfã, ela aprendeu maneiras de lidar com a vida e as adversidades, seu trabalho tinha como objetivo o sustento básico. A vaidade e a aparência não estavam em primeiro plano e nem configuravam uma necessidade. Nesse sentido reside a potencialidade crítica de Elvira Vigna, a sua personagem não deixa de ser mulher e feminina por sair da performatividade esperada, mas se faz mulher e feminina dentro de suas possibilidades e principalmente diante de sua subjetividade. Pegando o ensejo dessa ruptura performática podemos abordar um outro aspecto presente no desenho, que é a ausência do uso do sutiã.

O sutiã é um acessório culturalmente imposto as mulheres, não usá-lo causa polêmica e usá-lo sem seguir as normas de etiqueta também causa burburinhos. Julia Oliveira, em

publicação na Revista Capitolina (2015), chama nossa atenção para o fato de que as meninas começam a ser sexualizadas logo no começo da adolescência, e os seios que antes pareciam ser naturais ganham uma conotação erótica. Como regra, as meninas precisam usar o sutiã para esconderem o que seria natural em seus corpos. Oliveira também nos coloca a refletir um outro tabu que se dá pelo fato de que a constituição dos chamados mamilos é igual para homens e mulheres, mas apenas elas são cerceadas e cobradas a não “mostrarem demais”. Um outro dado que fica em evidência no texto é o incomodo que muitas mulheres sentem com o uso do acessório imposto, algumas alegam que não se sentem bem e que há uma espécie de aprisionamento. Assim, ela cita um movimento que começou em território norte-americano denominado Free The Nipple, em português “Liberte os mamilos”, que tem por objetivo desmistificar o tabu em torno dos seios e permitir que as mulheres façam suas escolhas sem ser vistas como anormais ou vulgares.

Nesse sentido, Vigna nos apresenta Vitória como uma personagem livre para escolher o que mais lhe agrada, e isso inclui não fazer uso do que fora imposto há décadas, como fica perceptível no desenho dos mamilos marcando a blusa. Ainda queremos ressaltar que não se trata de tencionar todas as mulheres a deixarem de utilizar o sutiã, mas se trata de ter liberdade para saber o que lhe faz bem ou não. Se algumas mulheres fizerem uma opção em não utilizar, elas devem ter esse direito concedido e devem ter o seu corpo respeitado.

Ainda no que diz respeito ao corpo feminino, também paira um ideário de que as mulheres necessitam ser magras e altas, seguindo um modelo que vem dos grandes mercados da moda e que muitas vezes causa martírio naquelas que não conseguem se enquadrar em tais aspetos e medidas. É sabido que as concepções de beleza foram se alterando ao longo do tempo, tentando colocar as mulheres em padrões do que fora e é considerado belo. Na atualidade a beleza feminina está pautada na magreza, mas não é qualquer magreza, pois também há exigências acerca do que é considerado esteticamente perfeito. Segundo Amanda Nunes em artigo publicado na revista eletrônica *Pragmatismo Político* (2014), o corpo belo e perfeito para o padrão de beleza atual se baseia em um corpo malhado, com barriga sarada, sem nenhuma marca de gordura. Com base nisso, observemos a próxima imagem:

Fig 2. As nuances fisionômicas da personagem



Fonte: Vigna (2016)

No desenho Vitória encontrasse deitada com uma aparência de quem está refletindo sobre algo, mas queremos focalizar na caracterização, ela é uma mulher magra, porém não sarada e definida como impõe os novos padrões. Podemos perceber que a barriga de nossa personagem apresenta uma volúpia característica de um acúmulo de gordura, o que já a elimina dos padrões impostos. De acordo com as novas tendências estéticas, nossa personagem se enquadraria no que atualmente chamam de uma “falsa magra”, justamente porque apresenta um corpo quase esguio, entretanto com marcas de gorduras. Essa característica faz com que muitas mulheres se preocupem com a imagem busquem procedimentos estéticos, além de lotarem as academias buscando um corpo que saia desse quesito de falsa magra e entrem de verdade nas tendências e nos padrões ditatoriais do mundo moderno. Mas Valentina não parece ter tal preocupação, pois em nenhum momento verificamos algum tipo de tensão em conseguir um corpo considerado bonito e adequado, ao contrário disso, a vemos em muitos momentos completamente nua ou quase nua, o que corrobora com o entendimento de que ela se aceita como é. Nesse contexto, verifiquemos a figura que segue, em que ela aparece novamente despida:

Fig. 3 Um corpo fora dos padrões ditatoriais



Fonte: Vigna (2016)

Agora de costas, podemos observar a nossa personagem por outro ângulo, e o que nos chama atenção é a marca avantajada em seus quadris. A ideia de falsa magra também se manifesta quando as mulheres apresentam o que se chama de “culote”, que se trata de um acréscimo na área dos quadris ocasionado por gorduras. O culote se configura na atualidade como uma das grandes preocupações estéticas, pois para os padrões, ele permite que haja uma desproporcionalidade no corpo feminino, fugindo do que é considerado ideal. Não é raro encontrarmos dicas para eliminar as famosas gorduras, principalmente nessa região, prova disso é que na internet muitas ferramentas, como vídeos, ensinam truques e atividades prometendo o desaparecimento total do que é considerado inadequado. É importante dizermos novamente que não se trata de querer que todas as mulheres deixem de se preocupar com seus traços fisionômicos, se trata de enfatizar a liberdade que elas devem ter para fazer o que quiserem sem se sentir pressionadas por não estarem atingindo os objetivos que a sociedade machista impõe. Sendo assim, se quiserem as mulheres podem e devem entrar no que é considerado belo e adequado, mas não se pode exigir que todas queiram fazer parte desse movimento, e muito menos inferioriza-las por não se enquadrarem.

Retomando o artigo publicado na revista *Pragmatismo Político*, Nunes vai apresentar como suporte para o seu encadeamento de ideias uma fala da psicóloga Marjorie Vicente. Em tal afirmação a psicóloga ressalta que a ditadura por um corpo ideal é mais uma forma do machismo controlar e deter as mulheres, pois, já que elas estão conseguindo determinados avanços em alguns setores, a estética seria uma outra vertente de controle. Nesse sentido, Elvira Vigna ao criar sua personagem rompe com esses estigmas patriarcais, possibilitando que Vitória se apresente com cabelo, roupas e corpo que fujam das imposições. Além disso, ela não só apresenta, mas faz com que a personagem se sinta bem consigo mesma e principalmente não tenha a preocupação em ter que mudar para se encaixar. A beleza é uma composição subjetiva, tentar enquadrá-la em moldes é visivelmente uma busca por controle que coloca as mulheres no centro e se torna mais um tipo de fardo que elas têm de enfrentar. E aqui podemos compreender nitidamente que nossa personagem não se coloca de modo inferior a ninguém; além disso, ela tem consciência de sua beleza e de sua liberdade ao também não utilizar o sutiã culturalmente imposto. Com isso, podemos dizer que Vigna nos traz um verdadeiro rompimento com os pensamentos androcêntricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos a obra completa e nesse caso em específico, as ilustrações, percebemos que Vitória não se enquadra nos padrões de beleza impostos para as mulheres. Sua caracterização revela uma mulher cotidiana que não está preocupada em aparecer mais bela ou “adequada”. Com isso, ressaltamos as nuances propositais de seus cabelos, bem como de suas roupas, a ausência do uso do sutiã, que nos permitiu evidenciar a necessidade de ver o corpo da mulher como algo privado e não público. Além dessas questões, também abordamos as imposições por um corpo magro e sarado, que Vitória também rompe e se apresenta com marcas de gorduras. Marcas essas que a maioria da população possui e que tende a castigar principalmente as mulheres. Os desenhos da protagonista não estão colocados de modo aleatório, mas revelam de modo consciente a maioria das mulheres reais, que não se enquadram nos modelos impostos e se distanciam da beleza que a sociedade exige. É uma forma de Elvira Vigna dizer para essas mulheres que não há nada de errado com os seus corpos, com as suas vestimentas e com as suas aparências. Não há uma única beleza, mas há belezas e que partem do subjetivo.

Por meio de sua obra, Vigna ressalta que as mulheres devem se sentir livres para fazerem o que quiserem e se mostrarem como

desejam, sem se sentirem julgadas ou condenadas. A obra revela a potencialidade de uma mulher, bem como a sua diversidade. É necessário dizer para as mulheres que elas têm o direito de serem livres e que não precisam de outras pessoas, além delas mesmas. A obra aqui estudada se apresenta feminista, pois rompe com as imposições machistas e androcêntricas, colocando uma mulher forte, destemida e livre no centro do enredo. Desse modo, podemos dizer que Elvira Vigna constrói uma personagem que é o sinônimo da ruptura. Com isso, a narrativa aqui estudada entra numa realidade perceptível e fala sobre essas mulheres que estão emergindo. É o real que está sendo colocado em questão, partindo dessas mulheres que ainda sofrem como minoria, mas que estão percebendo que o momento de se concentrar em si já chegou.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

NUNES, A. A ditadura do corpo perfeito. *Pragmatismo Político*, 15 de março de 2014. Disponível em: <<http://pragmatismopolitico.com.br/2014/03/ditadura-corpo-perfeito.html/>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, J. Sobre sutiã, mamilos e liberdade. *Revista Capitolina*, 02 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://revistacapitolina.com.br/sobre-sutia-mamilos-e-liberdade/>>. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

RICHARD, N. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RODRIGUES, R. *Mulheres e amores em ficções de autoria feminina*. Campina Grande: EDUFCEG, 2016.

SARDENBERG, C.M.B; COSTA, A.A. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO. M.L.R; BINGEMER, M.C.L (orgs). *Mulher e relações de gênero*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

VIGNA, E. *Vitória Valentina*. 1º reimpressão. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2016.

ZINANI, C.J.A. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.